

A gênese interacionista do sujeito: cultura e indivíduo em diálogo

The Interactionist Genesis of the Subject: Culture and Individual in Dialogue

Jussara Biagini 

Doutora em Educação – PUC-SP
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil.
jubiagini@cefetmg.br

Fábio Luiz Nunes 

Mestre em Estudos Linguísticos – UFMG
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil.
fabio.nunes.fln@cefetmg.br

Dados da obra resenhada

CHIRKOV, Valery. An introduction to culture and psychology: a sociocultural perspective. Abingdon, Oxon (Reino Unido); New York (Estados Unidos da América): Routledge, 2025. 426 p. ISBN: 978-1-032-37037-8.

A compreensão da interação entre fatores de ordem extrínseca e intrínseca na constituição do sujeito e de suas relações tem sido uma preocupação de longa data na história do pensamento ocidental. Já no século XIX, W. Wundt (1916) defendia, em sua *Völkerpsychologie*, a necessidade de uma psicologia que ultrapassasse o estudo experimental do indivíduo para investigar os produtos da vida coletiva, como a linguagem e os mitos, que são irreduzíveis à consciência individual. É nesse *continuum* intelectual que se encontra *An introduction to culture and psychology: a sociocultural perspective* (editora Routledge, 2025), de Valery Chirkov. O livro apresenta uma abordagem sociocultural da psicologia, com a qual examina a interdependência dinâmica entre mente e cultura. A obra argumenta que modelos socioculturais organizados regulam ações e práticas em domínios variados da vida humana, como a parentalidade, a educação e a comunicação.



doi: 10.28998/lte.

Artigo licenciado sob a [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 04/07/2025

Aceito em: 21/03/2026

Publicado: 19/10/2026

e-Location: 19870

Chirkov é um psicólogo de origem russa e canadense, e professor no Departamento de Psicologia e Estudos da Saúde da University of Saskatchewan, no Canadá. Seu percurso acadêmico é atravessado por um profundo interesse na psicologia sociocultural aplicada e na pesquisa transcultural. Com um doutorado pela University of Rochester, em Nova York, Chirkov tem se dedicado a investigar temas como imigração, aculturação e a aplicação transcultural da chamada *teoria da autodeterminação*. A produção científica desse autor compreende estudos comparativos entre jovens russos e canadenses, analisando como diferentes contextos socioculturais se relacionam com a motivação e o bem-estar psicológico, o que fundamenta a perspectiva apresentada nessa que é sua mais recente publicação.

Valery Chirkov dedica seu primeiro capítulo, “Culture and psychology: what is culture, and why is it important for psychologists?”, à conceituação de *cultura* como uma realidade sociossimbólica. A cultura é apresentada a partir de seus aspectos material, social e ideacional, sendo um construto que emerge de interações e se manifesta como intencional, intersubjetivo e naturalizado pelos indivíduos. A regulação do comportamento, segundo o autor, ocorre por meio de modelos socioculturais (MSCs) *do* mundo e *para* a ação. Essa noção de interdependência fundamental entre o aspecto psicológico e o sociocultural é também central para Markus e Hamedani (2007), que defendem um processo de constituição simultânea em que pessoas e seus mundos sociais se requerem mutuamente.

Avançando em suas observações, Chirkov (2025) aponta que a materialização dessa realidade se dá em artefatos, interações cotidianas e sistemas de crenças compartilhados. A ideia de modelos socioculturais é tida como um mecanismo que conecta a cultura à dimensão psicológica. Essa conceptualização é proposta pelo autor em trabalho anterior (Chirkov, 2020), no qual ele define os MSCs como um conjunto estruturado de prescrições para a interpretação do mundo e roteiros para a ação. Tais modelos possuem aspectos públicos, observáveis na comunidade, e aspectos internalizados, que se tornam parte dos sistemas de representação dos indivíduos. A dinâmica de mútua constituição, portanto, opera pela contínua internalização e externalização desses modelos por meio das interações sociais.

O próximo capítulo intitula-se “Attributes and characteristics of culture/s” e é responsável por examinar a relação dialética entre a agência humana e a determinação cultural. Chirkov (2025) argumenta que, não obstante a cultura exerça um poder regulador, o desenvolvimento do *self* impele os indivíduos à reflexão, à autodeterminação e à transformação de seus próprios modelos socioculturais. Essa discussão aproxima-se nas fundações antropológicas da psicologia cultural, como documentado por LeVine (2007), que recupera os debates sobre o *locus* da cultura (individual ou coletivo) e a distinção entre padrões culturais e a psicologia individual. Chirkov (2025) também alerta para o perigo da *reificação da cultura*, um processo em que o construto humano é percebido como uma força externa e alienígena.

Dando prosseguimento a seu tratado, Chirkov (2025) apresenta a problemática do universalismo *versus* relativismo, por meio da qual distingue o debate no *plano psicológico* (se as pessoas são psicologicamente as mesmas em diferentes culturas) daquele que se faz no *plano ético* (se práticas culturais podem ser julgadas por padrões externos). Nesse âmbito, o questionamento sobre a reificação é corroborado por Markus e Hamedani (2007), que propõem um distanciamento da concepção de cultura como um conjunto de traços estáticos que os grupos “possuem”, insinuando, em seu lugar, uma análise de padrões dinâmicos. A questão dos universais também é abordada por esses autores, que defendem que a *agência* é uma capacidade humana universal, ainda que sua forma de manifestação seja específica de cada contexto cultural, uma posição que dialoga com a resolução sugerida por Chirkov (2025) para o dilema universalismo-relativismo.

No terceiro capítulo da obra, “Researching culture and psychology cross-cultural, cultural, and indigenous psychologies”, o psicólogo resenhado traça uma distinção histórica e metodológica entre as principais abordagens de pesquisa, remontando à diferenciação de W. Wundt entre uma psicologia fisiológica e uma psicologia étnico-social. A *psicologia transcultural* (PTC) é caracterizada como uma continuação da psicologia experimental, de orientação quantitativa e que busca testar a universalidade de leis psicológicas, tratando a cultura como variável independente. Essa descrição da PTC se justapõe à da abordagem dimensional

identificada por Markus e Hamedani (2007), que quantifica diferenças culturais para explicar variações em atitudes e comportamentos.

De sua parte, a *psicologia cultural* (PC) é designada por Chirkov (2025) como uma ciência interpretativa, que parte do pressuposto da mútua constituição entre mente e cultura e utiliza métodos qualitativos para compreender os fenômenos em seu contexto. Tal abordagem tem suas raízes na antropologia psicológica, segundo menciona LeVine (2007), que descreve a tradição de estudos etnográficos e a preferência por métodos clínicos e interpretativos em detrimento de abordagens puramente estatísticas. Chirkov (2025) situa, ainda, a *psicologia indígena* (PI) como uma forma de PC que surge em reação à imposição de modelos ocidentais, buscando desenvolver sistemas de conhecimento psicológico a partir das próprias tradições culturais não ocidentais.

A seção seguinte, “Evolution, culture, and the emergence of modern humans”, investiga o papel da cultura no processo evolutivo da espécie humana. Chirkov (2025) põe em arena duas vertentes principais: a primeira, associada à sociobiologia e à psicologia evolucionista, concebe a cultura como um produto da evolução biológica e de mecanismos psicológicos selecionados geneticamente. Nessa visão, módulos mentais específicos, desenvolvidos para resolver problemas adaptativos, engendram a cultura como um de seus resultados. A capacidade para a criação cultural é vista como uma adaptação, mas a cultura em si mesma não é um agente na evolução genética.

A segunda vertente, favorecida por Chirkov (2025), defende uma coevolução gene-cultura, em que a cultura atua como um fator ativo na evolução humana. Para desenvolver esse ponto, o autor se detém na *teoria da intencionalidade compartilhada* de Michael Tomasello,¹ para quem existe uma progressão da intencionalidade individual para a conjunta e, finalmente, para a coletiva. Seria no estágio da intencionalidade coletiva que a cultura, como um sistema de regulação normativo e convencional, teria coevoluído com as capacidades

¹ Essa tese vincula a cognição humana à colaboração, escalonada da *intencionalidade individual* (metas próprias) para a *intencionalidade conjunta* (metas compartilhadas, “nós diádico”) e culminando na *intencionalidade coletiva*. Esta última, ao operar mediante normas e convenções institucionais (“nós coletivo”), é o que possibilita a criação de uma realidade social objetiva.

cognitivas humanas. A noção de que a capacidade de produzir cultura seria uma vantagem evolutiva fundamental encontra sustentação em Markus e Hamedani (2007), que apontam a crescente percepção desse fato como um dos impulsionadores do interesse contemporâneo pela área.

Em “A history of ideas about the sociocultural regulation of human Behaviour”, o quinto capítulo, Chirkov (2025) defende o historicismo como uma abordagem indispensável para as ciências socioculturais. O autor percorre a genealogia intelectual do conceito de regulação sociocultural, partindo da tradição alemã com noções como *objektiver Geist* e *Volksgeist* (“espírito objetivo” e “espírito do povo”, respectivamente), passando pelo pensamento francês com as representações coletivas de Émile Durkheim e o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, e chegando às contribuições anglo-americanas de William G. Sumner, Alfred Schutz e dos antropólogos cognitivos. Esse percurso histórico, que se aproxima da revisão realizada por Triandis (2007) sobre a evolução dos estudos da relação entre cultura e psicologia, tem como propósito demonstrar a conciliação de diferentes correntes teóricas que, de forma independente, convergiram para a compreensão da realidade sociocultural como um sistema regulador do comportamento humano.

Já o capítulo seis, “Culture and human ontogenetic development”, investiga o papel do ambiente sociocultural no desenvolvimento infantil. Chirkov (2025) coloca frente a frente as abordagens nativista, comportamentalista e piagetiana com a teoria sociocultural, dando especial atenção ao trabalho de L. Vygotsky. Nesse contexto, a *lei genética geral do desenvolvimento cultural*, que postula a transição de funções do plano interpsicológico para o intrapsicológico, é apresentada como central, um processo mediado por ferramentas culturais e facilitado pela chamada *zona de desenvolvimento proximal*. A concepção de Vygotsky de que as relações sociais são internalizadas e se tornam parte da psicologia humana é, a propósito, um ponto também mencionado por Triandis (2007).

A análise do desenvolvimento ontogenético prossegue retomando-se a teoria da intencionalidade compartilhada de Tomasello, vista por Chirkov (2025) como um avanço neovygotskiano. Como já visto, a teoria propõe que o desenvolvimento

humano se desdobra em três estágios de intencionalidade: individual, conjunta e coletiva. A ideia de que a capacidade de compreender coespecíficos como agentes intencionais é um fundamento psicológico da cultura, como propõe Tomasello, é igualmente discutida por Adams e Markus (2004) como um elemento basilar para a evolução cultural cumulativa.

No capítulo seguinte, chamado “Socialization and enculturation”, estabelece-se uma diferença entre os processos de *socialização* (a inserção do indivíduo em instituições e papéis sociais) e *enculturação* (a assimilação de significados e práticas culturais), argumentando que são faces indissociáveis do mesmo fenômeno de transmissão cultural. O autor aponta, então, as fases primária e secundária desse processo, sendo a primeira mediada pelos cuidadores principais, a mais determinante na formação da mentalidade individual. Os agentes de socialização (pais, pares, instituições) são compreendidos à luz das categorias de transmissão cultural (vertical, horizontal e oblíqua) já estabelecidas por Triandis (2007).

A discussão segue abordando a análise dos modelos socioculturais da infância e da parentalidade. Chirkov (2025) utiliza os conceitos de *neontocracia* e *gerontocracia* de David F. Lancy para ilustrar o modo pelo qual diferentes culturas valorizam a criança e estruturam suas práticas de cuidado. O autor examina também o arcabouço do nicho desenvolvimental de Charles Super e Sara Harkness e os modelos de parentalidade de Helen Keller, que contrastam um modelo independente, centrado na autonomia, com um modelo interdependente, centrado na interconexão social. A crítica de Chirkov (2009) sobre a ausência de análises culturais aprofundadas em estudos sobre aculturação é implicitamente respondida aqui pela demonstração da necessidade de investigar tais modelos para compreender o desenvolvimento humano.

O oitavo capítulo, “Personhood, selfhood, and identity in and across cultures”, aborda a constituição do *self* e da identidade sob a condição de fenômenos socioculturais. O autor diferencia os conceitos de *pessoa* (um indivíduo que adquire *self* e identidade), *self* (o centro da experiência consciente, com os níveis experiencial e narrativo) e *identidade* (o sentimento de mesmidade e de pertença). O autor apresenta MSCs do *self* de diferentes tradições, como a hindu, com sua

distinção entre o *self* fenomenal e o Ātman; e a budista, com a doutrina do *anātman* (*não self*), pondo-as em comparação com o modelo ocidental.

Por fim, Chirkov (2025) examina criticamente a dicotomia entre *self* independente e interdependente, popularizada na psicologia transcultural. Sua crítica concorda com a de Adams e Markus (2004), que alertam contra a tendência de reificar padrões culturais, transformando-os em essências fixas de grupos, o que conduz a generalizações excessivas como a simples oposição entre Ocidente e Oriente. Como alternativa mais sofisticada, Chirkov (2025) apresenta o modelo tripartite de Alan Roland e Richard A. Shweder, por meio do qual se concebe uma coexistência universal das facetas familiar, individualizada e espiritual do *self*, de modo que as culturas diferem na primazia que atribuem a cada uma delas. O capítulo encerra-se com uma análise das identidades múltiplas, como as hifenizadas e as biculturais, e as patologias que podem emergir de conflitos identitários em contextos de migração e racismo.

No capítulo nove, “Culture, language, and the mind”, decompõe-se a linguagem em quatro funções interligadas: *comunicativa*, *representacional*, *construtivista* e *agêntica*. Chirkov (2025) afirma que essas funções não operam isoladamente, mas constituem um sistema complexo. Em seguida, a discussão volta-se para a filogenia da linguagem, na qual são contrastadas as hipóteses de *descontinuidade* (dimensão inata ou genética), de *continuidade* (dimensão evolutiva ou adaptativa) e *sociocultural*. A análise culmina no debate sobre relatividade linguística, com especial atenção à hipótese de Sapir-Whorf.² A esse respeito, Lehman, Chiu e Schaller (2004) defendem que a interconexão entre processos psicológicos e cultura encontra na linguagem um de seus principais mecanismos de operação, sendo o vetor pelo qual cognições e normas culturais são construídas e transmitidas. A linguagem é entendida, portanto, como mediadora da dinâmica contínua entre psicologia e cultura, um ponto que a literatura prévia já havia sustentado.

² A hipótese da relatividade linguística postula que a língua organiza a cognição. Enquanto a versão forte (determinismo) carece de respaldo científico, a versão fraca (influência relativa) permanece em debate, com evidências empíricas limitadas e insuficientes para uma validação definitiva.

A próxima seção, “Communication within and across cultural communities: intra- and inter-cultural interactions”, abre-se com a análise da comunicação intracultural, decompondo o ato comunicativo em seus componentes fundamentais, como emissor, receptor e contexto. Chirkov (2025) sustenta que a fluidez dessa comunicação depende de terrenos comuns (culturais e linguísticos), que são detalhados por meio dos conceitos de esquemas culturais, códigos de fala e roteiros culturais. Estes últimos funcionam como normas implícitas que orientam a interação e são preenchidos por valores culturais específicos, regulando desde a expressão de concordância até a de modéstia. Tal estrutura normativa assegura a coerência e a previsibilidade nas interações dentro de um mesmo grupo cultural.

Na segunda parte do mesmo capítulo, a discussão dirige-se para a comunicação intercultural, caracterizada pela ausência ou deficiência desses terrenos comuns. O autor investiga as fontes de ruídos e mal-entendidos, apresentando as dimensões de comunicação de alto e baixo contexto, as orientações temporais mono- e polirônicas e a proxêmica como fatores que estruturam as interações entre culturas distintas. Essa análise da comunicação intercultural serve de fundamento para a exposição do último capítulo, *Migration and acculturation*, no qual os processos de adaptação e mudança cultural de imigrantes são investigados. A agência do migrante, uma questão fulcral, é examinada sob a ótica da motivação (forçada *versus* voluntária), o que pode ser aprofundado com pesquisas anteriores do próprio Chirkov (2008) sobre a autonomia pessoal e sua relevância para o bem-estar em diferentes contextos culturais.

O autor prossegue com uma análise crítica dos modelos de aculturação, com destaque para a tipologia quadrifatorial de John W. Berry (*integração, assimilação, separação e marginalização*). O autor questiona a validade universal e a capacidade explicativa de abordagens eminentemente quantitativas. Essa visada crítica já estava presente em trabalhos anteriores do autor, em que ele questionava a ausência de um modelo denso de cultura na pesquisa sobre aculturação e criticava a dependência de métodos puramente quantitativos, posição observada em *Critical psychology of acculturation: what do we study and how do we study it, when we investigate acculturation?* (Chirkov, 2009). Como alternativa, o autor propõe uma

abordagem baseada na teoria dos MSCs, segundo a qual a aculturação é o processo de navegação do indivíduo em um “hiato”, uma lacuna entre os MSCs da cultura de origem e os da cultura hospedeira. O sucesso do processo aculturativo dependeria, dessa forma, da capacidade de agência e de reflexividade do migrante para gerenciar essa dissonância entre os modelos internalizados e os novos modelos encontrados.

An introduction to culture and psychology representa uma importante consolidação teórica, apresentando de maneira sistemática a teoria dos modelos socioculturais como um arcabouço central para a psicologia. Quando expande as proposições essenciais de seus trabalhos anteriores, Chirkov (2025) caminha para além da mera catalogação de diferenças intergrupais para detalhar os mecanismos subjacentes à regulação sociocultural. A principal realização do livro acha-se em sua capacidade de decompor o fenômeno cultural em unidades analíticas operacionais, os modelos socioculturais, especificando suas facetas públicas e internalizadas e o modo como estas são perpetuadas e transformadas por meio da intencionalidade coletiva e da intersubjetividade. Desse modo, a publicação se firma como um instrumento pedagógico e teórico de grande rigor, que instrumentaliza o campo com uma linguagem precisa para investigar a dialética entre a mecânica psicológica e o ambiente sociossimbólico.

A coerência teórica do volume, todavia, delimita seu escopo. O enquadramento proposto por Chirkov (2025) operacionaliza com sucesso o postulado da constituição mútua entre sistemas do *self* e sistemas sociais, um conceito trabalhado por autores como Markus e Hamedani (2007), quando tratam da dinâmica entre os aspectos públicos e internalizados dos modelos. Sua concepção de cultura como um sistema de padrões distribuídos é, do mesmo modo, congruente com a abordagem de “cultura como padrões” defendida por Adams e Markus (2004), uma formulação que habilmente contorna os problemas de reificação e essencialismo associados a uma visão de cultura como entidade grupal. À medida que elege a teoria dos modelos socioculturais como seu eixo principal, Chirkov (2025), por consequência, dedica menos atenção a outras lentes analíticas, como as perspectivas ecocultural ou dimensional identificadas por Markus e

Hamedani (2007), apresentando-se como uma vertente específica da psicologia cultural, e não como um panorama exaustivo de todas as suas correntes.

O pesquisador resenhado demarca, por conseguinte, um avanço substancial na literatura da área. Sua principal utilidade talvez repouse em sua capacidade de fundamentar futuras investigações empíricas, pois a distinção clara entre os componentes públicos e internalizados dos modelos socioculturais (elaborada em Chirkov, 2020, e plenamente desenvolvida na obra de 2025) apresenta um roteiro metodológico viável para pesquisadores. Esse percurso permite a operacionalização e o estudo da complexa interação entre realidades socioculturais e o funcionamento psicológico, tornando o livro um recurso basilar para acadêmicos que buscam traduzir a abstrata interdependência entre cultura e mente em programas de pesquisa concretos.

Referências

ADAMS, Glenn; MARKUS, Hazel Rose. Toward a conception of culture suitable for a social psychology of culture. *In*: SCHALLER, Mark; CRANDALL, Christian S. (ed.). *The psychological foundations of culture*. Mahwah (Estados Unidos da América): Lawrence Erlbaum Associates, 2004. p. 335-360.

CHIRKOV, Valery. Culture, personal autonomy and individualism: Their relationships and implications for personal growth and well-being. *In*: ZHENG, G.; LEUNG, K.; ADAIR, J. G. (ed.). *Perspectives and progress in contemporary cross-cultural psychology: proceedings from the 17th International Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology*. [s. l.]: International Association for Cross-Cultural Psychology, 2008.

CHIRKOV, Valery. Critical psychology of acculturation: What do we study and how do we study it, when we investigate acculturation?. *International Journal of Intercultural Relations*, [s. l.], v. 33, p. 94-105, 2009.

CHIRKOV, Valery. An introduction to the theory of sociocultural models. *Asian Journal of Social Psychology*, Hoboken (Estados Unidos da América), v. 23, n. 2, p. 143-162, 2020.

CHIRKOV, Valery. *An introduction to culture and psychology: a sociocultural perspective*. Abingdon, Oxon (Reino Unido); New York (Estados Unidos da América): Routledge, 2025.

LEHMAN, Darrin R.; CHIU, Chi-yue; SCHALLER, Mark. Psychology and culture. *Annual Review of Psychology*, [s. l.], v. 55, p. 689-714, 2004.

LEVINE, Robert A. Anthropological foundations of cultural psychology. In: KITAYAMA, Shinobu; COHEN, Dov (ed.). *Handbook of cultural psychology*. New York (Estados Unidos da América): The Guilford Press, 2007. p. 40-58.

MARKUS, Hazel Rose; HAMEDANI, Maryam G. Sociocultural psychology: the dynamic interdependence among self systems and social systems. In: KITAYAMA, Shinobu; COHEN, Dov (ed.). *Handbook of cultural psychology*. New York (Estados Unidos da América): The Guilford Press, 2007. p. 3-39.

TRIANDIS, Harry C. Culture and psychology: a history of the study of their relationship. In: KITAYAMA, Shinobu; COHEN, Dov (ed.). *Handbook of cultural psychology*. New York (Estados Unidos da América): The Guilford Press, 2007. p. 59-76.

WUNDT, Wilhelm M. *Elements of folk psychology*: outlines of a psychological history of the development of mankind. Trad. Edward L. Schaub. London (Reino Unido): George Allen & Unwin, 1916.

Como referenciar este artigo

BIAGINI, Jussara; NUNES, Fábio Luiz. A gênese interacionista do sujeito: cultura e indivíduo em diálogo. **Latitude**, Maceió, v.20, p. 01-11, 2026. Disponível em: URL do artigo. Acesso em: dia mês abreviado (exceto maio) ano.